



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACTOR PRINCIPAL — Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo «Aurora Social»

EDITOR—Mael Barboza

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 405 (50 reis); Semestre 830 (300 reis); Um ano 1.600 (600 reis)
Para fora do paiz, cresce o importe do selo.
Número avulso 301 (10 reis)
Comp. e Imp. na Typographia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone 737

Fala um revolucionário francês

A NOSSA ATITUDE PERANTE A GUERRA

Como muitos camaradas, tinha eu pensado que, submergido pelos acontecimentos actuaes e impotentes para lhes imprimir outra direcção, o nosso papel era proteger as ideas que nos são queridas contra os golpes que a tormenta pudesse vibrar-lhes. Imaginava eu que, por meio da nossa *Bataille Syndicaliste*, os nossos esforços deveriam ter por fim preservar de qualquer mancha o ideal que defendemos até hoje. Neste espirito, sem dúvida alguma, é que Jean Grave escreveu o seu belo artigo (*Sofismas decaídos*, B. S. de 16 de dezembro), que muitos camaradas poderiam meditar com fruto.

No seu artigo *Uma nova Europa*, expõe Charles Albert um ponto de vista que é o dele, mas não é nem pode ser o de todos os revolucionários, nem mesmo o de todos os socialistas.

De acôrdo, enquanto se trata de salvar da catástrofe a maior soma de liberdade possível e sobretudo de reconhecer na confusão que se há-de seguir o caminho mais directo para a meta que alvejamos; mas se se trata de dizer o nosso pensamento todo sobre a guerra actual e suas consequências, só uma opinião podíamos ter: sofreremos um estado de coisas que fizemos tudo para evitar e contra o qual nada mais podemos; a guerra, porém, continua a ser nefasta, geradora de dores, sofrimentos e lutos, nada podendo sair dela que seja bom para o proletariado.

Para nos robustecermos nesta convicção, basta considerarmos que uma das principais razões que ditaram a conduta dos dirigentes alemães foi o esmagamento do socialismo em aumento. E é este o momento escolhido para atribuir a esta guerra uma virtude emancipadora para a Internacinaal! Ninguém sabe o que acontecerá às nossas organizações; e se podemos esperar para elas, um dia, um vitalidade nova, há-de ser unicamente a custo de novas lutas. A realidade, o que a guerra tem produzido—e há-de produzir ainda—são as ruínas e os desesperos.

Que nos vindes cá falar de solidariedade com a classe burguesa, de trégua assinada com ela? Por quem? Do interesse dela coincidiado neste momento com o nosso? Será um preconceito dizer que o desaparecimento do militarismo alemão dará o valor máximo ao que ficar dos militarismos dos aliados? Será também um preconceito pensar que o fortalecimento destes últimos será para a classe burguesa a melhor das garantias contra uma ressurreição eventual possível do militarismo prussiano? E acusais de cegueira os que «a si mesmos preguntam ainda se o proletariado consciente não deveria, em vez de ter entrado como parte activa nesta crise—fatal e útil (!)—tê-la sofrido passivamente como vítima inerte e resignada!»

A VERDADE É QUE, VENDENDO OS NOSSOS COLABORADORES INVOLUNTARIAMENTE NUMA OBRA TAM AFASTADA DO SEU IDEAL, SENTIS COMO QUE UMA NECESSIDADE DE INDICAR UM ALVO AO SEU MOVIMENTO, DE DAR UMA RAZÃO A ESTA ACTIVIDADE COMO PARA DEMONSTRAR QUE O PROLETARIADO SE

MANTÉM CONSCIENTE MESMO NA EXECUÇÃO DOS ACTOS QUE LHE SÃO IMPOSTOS. (1).

Que irrisião! Tenhamos—dizeis vós—a coragem de encarar a situação tal qual é. Eu respondo: tenhamos a coragem de confessar que a nossa propaganda não tinha ainda dado todos os seus frutos, ou antes (e) é a confirmação de que era eficaz, de consignar que foi o seu poder virtual que decidiu as «potencias do passado» a tentarem esmagá-la antes que fôsse tarde demais.

«Só a diversão no exterior pode impedir ou retardar a ascensão para o poder das massas democráticas e socialistas» (Livro amarelo, Documentos diplomáticos sobre a guerra europeia, nota 5, pág. 17).

Eis a nossa única responsabilidade na guerra actual.

Tem sequer esta guerra «o condão de criar um laço novo e fecundo entre os proletariados dos paises aliados», como escreveis?

Então êsses proletariados, para entrar em contacto sério, hão de ter esperado pela aliança dos seus governos respectivos? Desde quando é que a propaganda internacional segue as fluctuações diplomáticas? E deveríamos romper com os nossos camaradas ingleses, se um novo Facha da soubresse o horizonte?

Que é que aproximou os elementos sãos da França e da Rússia? Foi a aliança russa ou antes a solidariedade que sentiamos para com os que lutavam contra o tsarismo?

Ainda mesmo que a vitória dos aliados desencadeasse um movimento popular na Alemanha, nem por isso a guerra sairia daí reabilitada.

Uma Internacinaal dura-doiira só se poderá fundar sobre as ruínas da sociedade capitalista e não sobre as dum povo apenas emancipado e no qual os sacrificios hão de ter despertado ódios que começavam a dissipar-se, pois a guerra tem esta coisa horrível: desde o início das hostilidades substitui o antagonismo dos interesses proletários e capitalistas pelo antagonismo dos desgraçados que dela sofrem os primeiros horrores.

EMILIO CZAPÉK
(*La Bataille Syndicaliste*, 4—1—1915).

(1) O verso é nosso. Chamamos a atenção dos camaradas para esta passagem. É uma explicação psicológica de muitas atitudes, à qual já tinhamos alludido em 3 do corrente, em nota á carta do camarada Magraasi, e que tencionávamos desenvolver. Folgamos de a ver exposta por um camarada que vive em plena fornalha.

Aos camaradas

Pelo balancete que publicamos a semana finda, viram os camaradas a critica situação em que se encontra o nosso semanário. Longe de diminuir, o deficit aumentou consideravelmente; e como sabem, um jornal nestas condições, ha-de ter sempre uma vida periculante.

Ora para que ele resista a todos os embates, torna-se necessario que todos contribuam

com o seu auxilio: agentes e assinantes, leitores e amigos. Um bocadinho de boa vontade da parte de cada um, será o sufficiente para levarmos de vencida o terrivel obstáculo que se nos apresenta.

Camaradas, não deixeis que a Aurora sucumba á mingua de recursos. Visto que ella no momento actual se torna tam precisa, procurai por todos os meios ao vosso alcance extinguir-lhe o deficit, na certeza de que prestareis um optimo serviço á causa da anarquia.

Esperamos, portanto, que nos vos esqueçais do apêlo que vos fazemos, apêlo sobremaneira justificado, como acabais de ver

A Administração

E a Bélgica?

Quando dizemos que a actual conflagração é essencialmente uma luta entre capitalismo, entre imperialismos, pela dominação do mercado mundial, e que, sob o ponto de vista operário e anarquista, não há guerra defensiva entre Estados, objecta-nos um ou outro: «E a Bélgica?»

A infeliz Bélgica teve a grande desgraça de se encontrar no caminho dos molossos ferozes: embora a luta não seja actual com ella, soffre-lhe as mais duras consequências. O mais pronto, o menos escrupuloso, o mais brutal dos mastins passou por cima della.

O mal é a existência dos mastins; e o nosso papel é não encobrir ou parecer desculpar esta responsabilidade fundamental com a maior ou menor dose de responsabilidade ocasional que os mastins atribuem uns aos outros. Os belgas, como os outros povos em guerra, são victimas do Capitalismo e dos Estados.

Os que não foram na corrente

Trecho duma carta de Pierre Monatte a Armando Borghi, data-da de 18 de novembro:

«Tens inteira razão supondo, como escreveste na Internacinaal, que nem todos os subversivos franceses crêm na guerra santa. Somos um certo numero de sindicalistas, nomeadamente uma boa parte dos colaboradores da *Vie Ouvrière*, os que desaprovamos categoricamente Jouhaux. Anarquistas como Sebastião Paulre (que vi na primeira quinzena de agosto) e como Pierre Martin, segundo me garante, não se deixaram arrastar pela corrente guerrista.

Não há certamente país na Europa onde a censura seja mais feroz do que em França.

Está proclamado o estado de sitio desde os primeiros dias da guerra e os jornais só publicam o que o governo deixa passar. Quanto a nós, preferimos suspender a *Vie Ouvrière*.

Já conhecíamos por cartas particulares a bela attitude de Monatte e de Merrheim (delegado da Federação dos metais) no Comité Confederal. Esta carta e a esplendida declaração que noutro lugar inserimos confirmam as boas noticias recebidas. Emilio Costa não poderá chamar «absolutos» a Merrheim e a Monatte, tidos por moderados.

Além dos nomes citados, conhecemos outros, de anarquistas e sindicalistas muito estimados, que se mantiveram e que, se reião reclamam, é para diante, no sentido das nossas ideas. Esperemos.

UM DOCUMENTO NOTÁVEL

Porque me demiti do comité confederal

As Uniãoes Departamentais de Sindicatos do Gard é do Ródano (França).

Camaradas:

Depois do voto emitido, na sua sessão de 6 de dezembro, pelo Comité Confederal, considero um dever renunciar ao mandato que me tinheis confiado.

Eis as razões que ditaram a minha resolução: No decorrer dos últimos cinco meses, causa asombro e dôr o que vi: o Comité Confederal aditir para simplesmente, sem protesto, que o seu secretário geral aceitasse uma missão official como commissário da nação; algumas semanas mais tarde, a comissão confederal, enviada a Bordéus, consentir em fazer uma excursão de conferências por conta do governo; militantes sindicalistas e funcionarios das organizações terem uma linguagem digna dos mais puros nacionalistas. E hoje mesmo, o Comité Confederal negou a sua simpatia aos esforços tentados para concertar a paz, aos socialistas dos paises neutros. Para o Comité Confederal, falar de paz neste momento constituiria um erro, quase uma traição, uma espécie de cumplicidade numa manobra alemã, como diriam o *Temps* e o *Governo*.

Nestas condições, é-me impossivel continuar em seu seio por um momento mais, pois creio, pelo contrario, que falar de paz é um dever que incumbe, nestas horas trágicas, ás organizações operárias conscientes dos seus deveres.

Em 22 de novembro, o secretário confederal informava o Comité de um convite para a Conferência Socialista de paises neutros, organizada em Copenhague para 6 e 7 de dezembro, pelos partidos socialistas escandinavos.

Opondo-me a que passasse para a ordem do dia, fiz a seguinte proposta: Que a Confederação Geral do Trabalho respondesse assegurando aos socialistas dos paises escandinavos que, se nos era absolutamente impossivel enviar um delegado, seguiríamos entretanto os seus esforços em favor da paz com a maior simpatia, e que fazíamos votos para que a Conferência obtivesse o maior exito possível.

Na sessão de 29 de novembro, a Federação dos Metais fazia uma proposta inspirada no mesmo sentido, á qual eu aderiria incondicionalmente.

Como e por que foi combatida? Com que argumentos? Seria longo demais pormenorizá-lo aqui; mas as actas do Comité Confederal—22 e 29 de novembro e 6 de dezembro—vo-lo dirão em dia não distante.

Em 6 de dezembro, via-se o Comité Confederal diante de três propostas: a primeira da Federação da Construção Civil, inspirada em não dar resposta alguma; a segunda, de Luquet, fazendo restricções importantes ao acôrdo da C. G. T. em suas relações com o partido socialista sobre um texto comum, e por fim a dos Metais.

O Comité pronunciou-se em primeiro lugar sobre a proposta de carácter prejudicial—da Construção Civil, adoptando-a por 22 votos contra 23 abstenções. E' fora de dúvida que a proposta dos Metais seria inteiramente esmagada por uma maioria, em 6 de dezembro.

Assim, mais uma vez, os

apêlos dos socialistas em favor da paz não teriam encontrado eonuas organizações centrais francezas, nem na imprensa operária deste país, a qual chega a recusar inseri-los. Apelos e iniciativas em tudo conformes com as decisões dos congressos socialistas de Stuttgart, Copenhague e Basileia, que declaram:

«No caso de se declarar a guerra, apesar de tudo, é do seu dever (das classes trabalhadoras) interirem para a fazer cessar prontamente e utilizarem com todas as suas forças a crise económica e politica criada pela guerra para agitar profundamente as massas e precipitar a queda da dominação.»

Este dever, Keir Hardie e o Partido Operário Independente, na Inglaterra, têm-se esforçado desde começo por cumpri-lo, assim como os dois partidos socialistas russos, bem como os italianos e suíços em sua Conferência de Lugano, e o partido socialista norte-americano com a sua iniciativa dum Congresso Socialista Internacinaal extraordinário.

E o dever cumprido por Karl Liebknecht—acompanhado por uma minoria socialista alemã—com seu protesto no Reichstag em 2 de dezembro:

«Uma paz rápida, que não humilhe ninguém; uma paz sem conquistas; eis—declara elle—o que é preciso exigir.

«Devam ser bem recebidos todos os esforços dirigidos neste sentido. Só a afirmação confiana e simultânea desta vontade em todos os paises beligerantes poderá deter o sangrento crime antes do aniquilamento completo de todos os povos interessados. Só uma paz baseada na solidariedade internacional da classe operária e na liberdade dos povos será uma paz duradoira. E' neste sentido que os proletários de todos os paises devem secundar, ainda no decorrer desta guerra, o esforço socialista pela paz»

Compreende-se até certo ponto que as massas populares, enganadas e excitadas diariamente pela imprensa, por toda a imprensa, tenham aceitado como artigo de fé todas as declarações governamentais. Mas que os militantes do sindicalismo não hajam mostrado mais perspicácia, que não tenham empregado mais espirito critico no exame das alegações governamentais, que se tenham deixado ganhar pela febre da vaidade nacional, que tenham perdido a lembrança dos principios que até hoje guiavam a sua acção, eis o mais triste do espectáculo.

Quando Poincaré subiu á presidência da Republica, haverá dois anos no mês próximo, diziamos alguns deles: «Teremos a guerra antes de acabar os seus sete anos.» Tivemos-la antes de dois anos.

Esta guerra prevista, temida por nós, esta guerra desejada, preparada pelos nossos politicos de espirito nacionalista, é a que neste momento o Comité Confederal considera uma guerra de libertação para a Europa, uma guerra capaz de levar a liberdade e a republica á Alemanha e de destruir o militarismo. Que illusão!

Esta guerra, da qual o attentado de Sarajevo não foi senão o pretexto, tem as suas fontes naturais no duelo económico anglo-alemão e na rivalidade germano-eslava.